



POLÍCIA DO PARANÁ SÓ TI



Delegado Mario Ramos: cem anos de discriminação.

"Negro já nasce no prejuízo. É uma farsa e igualdade de direito no Brasil. O negro vem sofrendo discriminação há mais de cem anos. Quando a princesa Isabel aboliu a escravidão no Império, no dia 13 de maio de 1.888, leve início uma farsa ainda maior. Tiraram os grilhões dos negros, os expulsaram dos latifúndios e disseram: agora se viem. Não deram terras para serem cultivadas, moradias para abrigar as milhares de famílias, e empregos dignos. As fevêdas começaram a proliferar, e até hoje não se vê muitos negros em escolas, faculdades, ocupando lugar de destaque na política. A discriminação é um fato concreto, e o primeiro centenário da abolição da escravatura deve ser encarado como cem anos de discriminação".

As declarações são do delegado Mário Ramos, adjunto da Delegacia de Furtos de Veículos, um dos seis delegados negros da Polícia Civil do Paraná. Mário Ramos, que além de ser bacharel em Direito é professor de língua portuguesa, sofreu discriminação racial e não raramente enfrenta situações discriminatórias no seu dia-a-dia. "Veja bem, segundo dados estatísticos os negros são 38% da população de todo o Brasil, e somente três por cento ocupam cargos considerados elevados para os padrões de vida do nosso país. Poucos negros têm nível superior, e muitas empresas, inclusive aquelas sediadas no Paraná, discriminam o negro. A cor se torna mais importante que o nível de inteligência. O negro, pela sua situação sócio-econômica, nunca é incluído no quesito de boa apresentação para uma oferta de emprego. No Paraná a discriminação é maior,

isto porque nossa população é basicamente formada por descendentes de povos europeus", cita Mário Ramos.

DIFFICULDADES

Mário Ramos, que começou a enfrentar a vida sozinho aos oito anos de idade, quando ficou órfão de pai e mãe, lembra que uma das grandes discriminações que enfrentou foi quando resolveu se casar. "Minha mulher é descendente de italianos. Na época em que resolvemos nos casar, seus pais e parentes foram completamente contra nossa união. Falavam que ela não podia se casar com um negro órfão de pai e mãe. Ela teve que sair de casa e arrumar emprego. Somos felizes até hoje."

Para o delegado adjunto da Furtos de Veículos, novas leis não irão acabar com a discriminação racial no Brasil. "As leis atuais já não são cumpridas, e novas de nada vão adiantar. É preciso dar mais condições de escolaridade para o povo negro. Tudo é uma questão de educação, formação. Os princípios de igualdade devem ser difundidos nas escolas".

Mário Ramos lembra que a discriminação está em toda parte: nos supermercados, na rua, nas empresas, escolas, repartições públicas e até nas igrejas. Para ele frases como: "negro contendo é ladrão e branco é atleta" e "negro só come carne quando morde a própria língua", também são extremamente discriminatórias, apesar de muitos as taxarem de simples gozações.

O delegado diz também que na Polícia Civil não sofreu e nem sofre discriminações raciais. Mas os números são provas patentes da discriminação. Hoje a Polícia

tem em seus quadros somente seis delegados negros, nenhum deles da alta cúpula. O número de superintendentes negros também é ínfimo.

ESTATÍSTICA

Segundo uma reportagem publicada pela revista *Veja*, entre os dez milhões de famílias que sobrevivem, todos os meses, com uma apartada renda mensal inferior a 26.100 cruzados, os negros são 80%. Ou seja, de cada dez brasileiros quatro são pretos, mas em cada dez pobres os negros são seis. Um médico preto ganha menos que um branco e uma secretária negra recebe 40% menos de salário que a branca. O negro quando nasce, tem 30% a mais de chances que o branco de morrer antes de completar dez anos de idade. Quando cresce, tem o dobro das chances de sair da escola sem aprender a ler nem escrever. Quando morre, acabou com uma vida que se esperava de 50 anos.

A reportagem diz também que um outro drama, mais amplo, ocorre naquelas famílias em que os negros ocupam a maioria dos empregos, como sucede entre os servidores de pedreiro e as empregadas domésticas. Nessa faixa de cidadãos, para os quais a vida é uma luta diária entre o pagamento das necessidades básicas e um magro ordenado mensal, brancos e negros ganham salários iguais. A igualdade só existe aí, no fundo do poço. O economista panamenho José Posada, que há quinze anos reside em Belo Horizonte, diz que pessoas negras só são encaminhadas para serviços braçais, domésticos ou para atividades que não tenham contato direto com o público. "Eu dizia que era economista e me perguntavam se eu toparia trabalhar como motorista", lembra Posada.

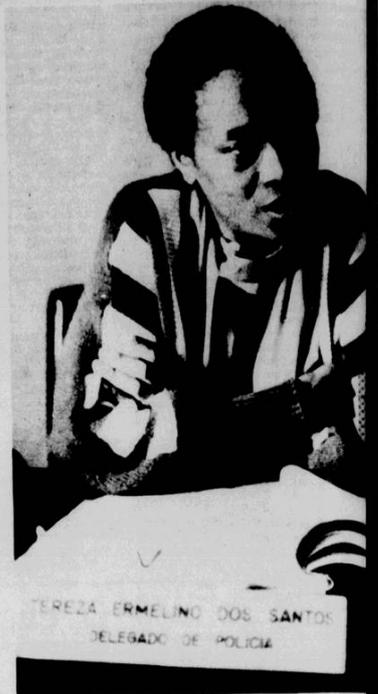
"O grande erro que se costuma cometer diante de um quadro deprimido, como da situação social do negro no Brasil, é encerrar suas dificuldades como uma herança do passado. O raciocínio até que teria fundamento caso o passado tivesse sido herdado por inteiro - e o Brasil de 1.968 fosse igual ao de 1.888, quando o regime político era monarquia, mais de 80% das pessoas de cor branca não tinham direito a votar nas eleições para o Parlamento e a aristocracia era obrigada a fugir do Rio", prossegue a reportagem da revista *Veja*.

CRITICA

A discriminação em Curitiba não é mera lúbia. Existe e fatos do cotidiano são provas disso. Recentemente por exemplo, num dos grandes supermercados da cidade, uma senhora negra foi detida pelas seguranças do estabelecimento, sob alegação de que furtara mercadorias do local. Nada foi provado, e o simples fato dela ser negra foi o bastante para que a detivessem como ladra. Os próprios seguranças que a detiveram confessaram isso.

Em outro supermercado, um senhor negro foi barrado na porta, sob a alegação de que o estabelecimento já estava fechado. Ele tentou argumentar que não iria se demorar no local. Mas suas palavras de nada adiantaram. Durante o diálogo com um dos funcionários, o senhor negro observou que três mulheres brancas estavam entrando no supermercado para fazerem algumas compras. Citou este fato ao funcionário, mas novamente seus argumentos de nada adiantaram.

Nas dezenas de lojas de capital paranaense é comum observar a discriminação racial. Quando um negro chega na frente de pessoas brancas, sempre é atendido por último.



A delegada Tereza: "Eu tinha medo de ser negra".

MISS

Voltando à reportagem da revista *"Veja"*, observamos que somente em 1.968 o país corou sua primeira miss negra, a gaúcha Deise Nunes de Souza, que antes de enfrentar o certame em seu Estado, teve sua inscrição recusada pela diretoria do Grêmio Football Paroaleirense.

Em 1966, Ana Maria Magalhães, 18 anos, ganhou o título de miss Pernambuco - quando subiu ao palco para o desfile da vitória, recebeu um balde de gelo na perna como desfeira. "A única diferença entre o Brasil e a África do Sul é que aqui os brancos não matam a gente", diz Ana Maria.

DELEGADA

Tereza Ermelino dos Santos, 46 anos, casada, há 13 anos Polícia Civil do Paraná, foi a primeira mulher a ocupar o cargo de delegada de polícia. Por ser negra ela enfrentou dificuldades para realizar o concurso de delegada, e depois que foi aprovada teve que impetrar um mandado de segurança para assumir o cargo. "Enfrentei e enfrento o preconceito dos brancos até hoje. Tenho 13 anos de profissão, e pessoas com menos tempo que eu estão na direção de subdivisões. Além da discriminação de sexo, enfrento e enfrento o problema de minha cor."

O negro tem que lutar muito para se sobressair e até para sobreviver", diz a delegada.

Atualmente Tereza está lotada no setor de Comissão de Inquéritos. Ela lembra que desde pequena foi obrigada a enfrentar o problema da discriminação racial. "Na escola e na rua as pessoas me olhavam de

forma estranha. A o meço a influir no des. Tinha medo de

apavorada com esta Segundo a delega não está preparado para discriminação que as soas giram que nã. Mas de repente deso é ridicularizado. Quas estabelecimento com outra forma. Nas fies mesmo. Na rua tambe um fato concreto, a estes 100 anos de marginalizado. Creio educação. Dificimen ocupam cargos impro abolição foi uma lara berdade: sem traba dignas, moradia, est

Para Tereza, a f na o negro. "Eles p negro. Porque não m um negro é bom, e pessoas dizem que me branca. Porque

de alma negra. A f Outro exemplo de o ocorre claramente e lojas do departame mente é atendido p tenha credenciado n também é vigiado e se sua cor fosse b as leis não vão mção. É preciso educa consciencializar".

O HOTEL DAS ESTRELAS



EXPRESSO NORDESTE



ceito e discriminação

M 6 DELEGADOS NEGROS

De como não achei o meu País na proclamação do "Axé, Brasil"

Luiz Geraldo Mazza

Já me referi anteriormente à peça institucional, feita pela Rede Globo, para comemorar a abolição, o "Axé, Brasil". É, bem no estilo da linguagem publicitária, a que induz a posturas virtuosas e a senso extremo de solidariedade, uma promoção típica do mimetismo ideológico, da dissimulação em cima de valores culturais, que esca-moteia a realidade pelo ilusionismo do bem-estar e das pessoas saudáveis identificadas com a cordialidade e a fraternidade. Mas as pessoas que figuram naquele quadro são todas ou pelo menos em maioria em maioria das classes média média e média alta - atores, cantores, jornalistas, intelectuais - e que na realidade não sofrem discriminação ostensiva no mercado de trabalho e de uma forma geral no convívio social. Configuram um retrato sócio-econômico de privilegiados e de minoria, componentes que são das proximidades do vértice dessa pirâmide social brasileira com uma base assentada em quase escravos - em certos aspectos piores do que os não libertos do Império e da República - de até 3 salários mínimos.

Pelé, um desertor, em 1974, quando fazia comentários em sociologês no Tele-Gol, na TV Paranaense Canal 12, esqueci de verificar o painel de recados entre os quais o da Polícia Federal (aquele amontoado de proibições que acabavam nos informando o que estava acontecendo e não podia ser divulgado) e não percebi que justamente haviam interditado o tema do meu comentário: por que Pelé não vestiria a camisa da seleção brasileira?

Justamente o ponto agudo da minha observação era relativo à desercção, sob o ponto de vista da "revolução", do cidadão Edison Arantes do Nascimento ao recusar-se a envolver a camisa nacional. Ora dentro de um quadro simbólico - e extremamente significativo ao cotidiano do País pela expressão cultural do futebol a negativa de Pelé correspondia ao não engajar-se, ao recusar-se à chantagem fascista e patrioteira do "ame-o ou deixe-o", enfim de tantos arquétipos manipulados pelo regime do momento da ascensão para a grande estância, delírio surreal pelo qual estamos pagando agora nos décimos da Di-

vida Externa, na condenação à fome, à concentração da renda e a outras deformações desta Etiópia travestida de Bruxelas. No comentário expliquei em que sentido Pelé operava como a expressão do "self made man", do brasileiro comum, pobre e negro (quase sempre um pleonasma), o interiorano que migrou para os centros urbanos, o exemplo da obstinação e do talento. Enfim um paradigma, quase um deus para um povo que necessita de heróis, como na interrogação de Brecht em "Galleit Galleit", um símbolo dos mais fortes da afirmação nacional se recusava à guerra também alegórica do campeonato mundial.

Fiz a exegese do drama do regime militar que tentava reprimir o feito de 70 no México e que de fato se dera no instante em que o "milagre" alcançava feitos importantes entre os quais o de fechar a malha da rede de telecomunicações em todo o território nacional. A ausência de Pelé - de alguém que não se poderia apontar como "substituível" - era como se um brasileiro convocado se recusasse a ir à guerra para a qual como patriota deveria ter se apresentado como voluntário.

Justamente a proibição da Polícia Federal - comentários sobre a recusa de Pelé - visava evitar que se fizesse o tipo de interpretação que adotei. Ao sair do estúdio, costumava receber telefonemas e "gelel" quando soube que um deles era da Polícia Federal, justamente para me cobrar o descuido grave. Esclareça-se que não houve consequências e que as autoridades foram tolerantes e compreensivas com as minhas explicações, apesar de fichado como subversivo e atingido pelo Ato Institucional.

A FRASE DE ROBSON
Pelé jamais entrou em qualquer tipo de onda crítica ao racismo, alegando que não percebeu isso no Brasil com o que se revela um conformista. E justamente no futebol é que se poderia captar, com um mínimo de sensibilidade, pela circunstância de constituir-se num fator de primeira ordem como processo interativo, como Mário Filho percebeu, com: vislumbre sociológico, na obra "O Negro no Futebol Brasileiro". Da mesma forma que

se dá nos Estados Unidos da América do Norte com atletas (quem se esquece do punho cerrado do "black power" na Olimpíada?), cestobolistas, boxeurs e ídolos da música, o futebol no caso brasileiro é decisivo como oportunidade para ascensão social. Nossos maiores ídolos do passado e de agora são negros ou mulatos como Fausto, Domingos da Guia, Leônidas, Zizinho e Pelé. Houve um deles, o meia direita Robson, do Fluminense, que tem uma frase lapidária, dita espontaneamente: "Eu já fui preto e sei o quanto é duro". Ele queria dizer pobre, semanticamente ajustado ao sentido da carência extrema e da discriminação. Apenas 5 por cento dos negros têm ocupação de nível superior no Brasil e deles a maioria recebe 70 por cento do percebido pelos brancos no exercício da mesma função. E mais ainda - o que entra em choque direto com o painel bem comportado do "Axé, Brasil" - de cada cem negros da população economicamente ativa 85 se encontram no setor primário (agricultura, extrativismo) ou desempenhan-

do tarefas de caráter paramete braçal.

A negritude deve ser assumida, como cultura e identidade, se possível sem ressentimento. Mas se houver um pouco disso na reação, esse consentimento não a legitima. O conformismo brasileiro trabalhado desde o patriarcado rural em cima de uma ponte imaginária e de cordialidade entre a Casa Grande e a Senzala - é que camufla tudo. Como no anúncio vibrante e muito em feltos dos negros festejando uma liberdade que não existe como se o preconceito na realidade partisse de quem exerce a óbvia marginalização, não apenas de um segmento étnico, mas da esmagadora maioria da população nesta sociedade de castas.

Nada justifica, porém, a paranoia de achar que o "buraco negro" - expressão muito usada nas investigações especiais e agora na galáxia distante da Constituinte - é manifestação de racismo. Ou ainda os "pontos negros" de uma estrada.

Aniversário do Correio de Notícias. Tim-Tim por Tim-Tim.

O Correio de Notícias faz 4 anos de jornalismo. De dia-a-dia com a notícia. De corpo-a-corpo com a informação. De cara-a-cara com os fatos. Tim-tim, Correio de Notícias.



Companhia Cervejaria Brahma-Filial Curitiba

VALE DO IGUAÇU
MATRIZ: PATO BRANCO - PR-FONE:(0462)24-3137
TELEX 451 039 VAIG-BR

SUA CARGA VALE QUANTO PESA. SEJA ELA LEVE OU PESADA. NOS LEVAMOS ATE VOCE. COM RAPIDEZ E SEGURANCA DE UMA GRANDE EMPRESA DE TRANSPORTES

FILIAIS:
Blumenau-SC (0473) 22-3225 Foz do Iguaçu -PR (0455) 72-2067
Chapecó -SC (0497) 22-1835 Joinville -SC (0474) 22-2958
Curitiba -PR (041) 248-7766 Jaraguá do Sul-SC (0473) 72-0957
Cascavel -PR (0452) 23-0733 São Paulo -SP (011) 223-4238
Maringá -PR (0442) 24-9927 Londrina -PR (0432) 26-1224

para pelo co-
e antiza-
e ficava

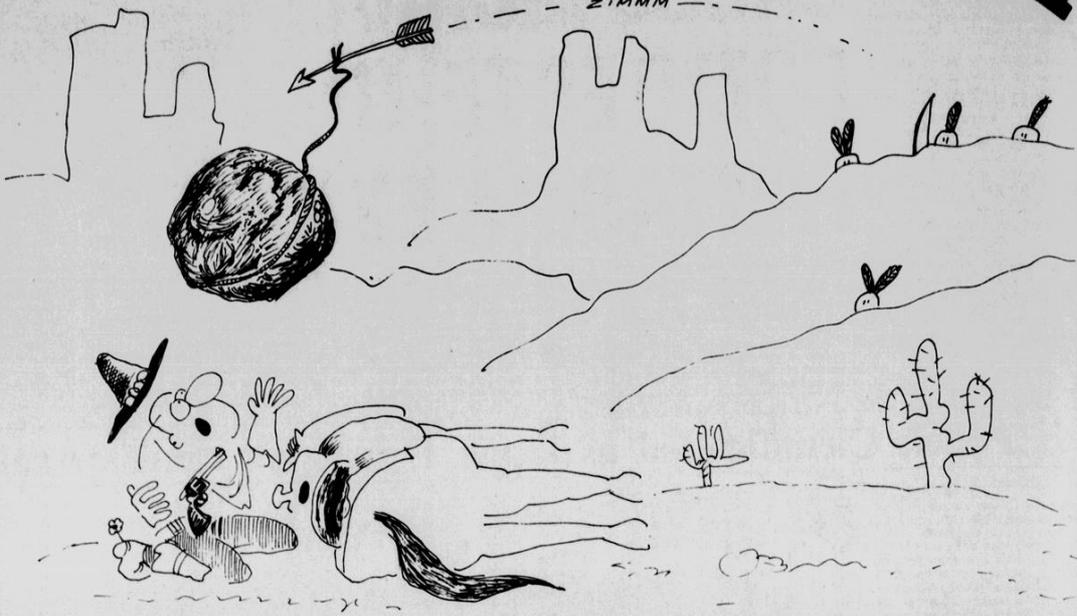
no Brasil
do tipo de
"As pes-
conocido,
do. O negro
em qualquer
modo de
de como o
ntração é
o sponsor
O negro é
quando de
das de cor
vidas a
da vida

discrimi-
ou é o
Quando
algumas
de al-
negra

de ará.
o que
conhecidos
negro narra-
mo que
ento. Ele
como
ta. No-
discrimi-
nidade,

DOMINGO SEM LEI

Pancho



Cinema

O ÚLTIMO IMPERADOR
De Bernardo Bertolucci. Com Peter Onofrei, Ying Roucheng, Victor Wong e Dennis Dui. Vencedor de 9 Oscars. 14h, 16h45min, 19h30min e 21h5min. Censura: 10 anos. Cine Bristol. Rua Mateus Ieme. Fone: 222-7067.

VELUDO AZUL
De David Lynch. Com Kyle MacLachlan, Isabella Rossellini, Denis Hopper e Laura Dern. Sessões: 14h, 16h30min, 19h30min e 22h. Censura: 16 anos. Cine Ritz. Rua das Flores, 132. Fone: 233-2733.

A MENINA DO SEXO DIA-BOLICO
Programa duplo com: **Mulheres da Cinta Azul**. Sessões: corridas a partir das 14h. Censura: 18 anos. Cine Morgenau. Praça Rui Barbosa. Fone: 333-5041.

ABRE AS P. COBRANÇA
Programa duplo com: **Patricia, só sacanagem**. Sessões: corridas a partir das 12h. Domingos a partir das 14h. Censura: 18 anos. Cine Rui Barbosa. Praça Rui Barbosa. Fone: 333-8721.

A GALINHA DO RABO DE OURO
Programa duplo com: **Clube do Sexo**. Sessões: corridas a partir das 12h. Domingos a partir das 14h. Censura: 18 anos. Cine Scala. Rua Riachuelo. Fone: 223-6185.

O DIA DO GATO
De David Cardoso. Com David Cardoso, Hélio Pinheiro, Edgard Franco, Mariza Sommer e Tallyta Cardoso. Sessões: 14h45min, 16h30min, 18h15min, 20h e 21h45min. Censura: 16 anos. Cine Lido 7. Rua Ermelino de Leão. Fone: 224-6873.

QUILOMBO
De Carlos Diegues. Com Antônio Pompeu de Souza, Motta, Tom Tornado, Vera Fischer, Antonio Pitanga e Maurício do Valle. Sessões: 14h, 16h30min, 19h30min e 22h. Censura: 10 anos. Cine Groff. Galeria Schaffer. Fone: 223-2733.

LUZIA HOMEM
De Fábio Barreto. Com Claudia Ohana, Thales Paiva, Chacon, José de Abreu. Sessões: 14h, 16h30min, 18h, 20h e 22h. Censura: 10 anos. Cine Condor. Rua Espaneira. Fone: 222-6859.

9 1/2 SEMANAS DE AMOR
De Adrian Lyne. Com Mickey Rourke e Kim Basinger. Sessões: 14h, 16h, 18h, 20h e 22h. Censura: 16 anos. Cine Astor. Voluntários da Pátria. Fone: 232-0084.

A PROFESSORA QUE F... E DA LIÇÕES DE S...
Programa duplo com: **As Mamadeiras**. Sessões: corridas a partir das 12h. Domingos a partir das 14h. Censura: 18 anos. Cine Glória. Praça Tiradentes. Fone: 222-6421.

ATRAÇÃO FATAL
De Adrian Lyne. Com Michele Douglas, Glenn Close e Anne Archer. Sessões: 14h, 16h30min, 19h45min e 22h. Censura: 18 anos. Cine Lido 1. Rua Ermelino de Leão. Fone: 224-6873.

FILME DEMÉNCIA
De Carlos Reichembach. Com Enio Gonçalves e Emilio Di Biasi. Sessões: 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Censura: 16 anos. Cine Luz. Rua XV de Novembro. Fone: 223-2733.

JOGA A MAMÃE NO TREM
De Danny De Vito. Com Danny De Vito, Billy Crystal, Kim Greist, Anne Ramsey e Kate Mulgrew. Sessões: 14h, 16h, 18h, 20h e 22h. Censura: 14 anos. Cine Plaza. Praça Osório, 125. Fone: 222-4308.

NENHUM PASSO EM FALSO
De John Rankheimer. Com Roy Schneider, Ann-Margret, Vanity, John Glover e Clarence Williams III. Sessões: 14h, 16h, 18h, 20h e 22h. Censura: 14 anos. Cine Palace Itália. Shopping Itália. Fone: 233-1112.

SEDUZIDA AO EXTREMO
De Robert M. Young. Com participação especial de Farrah Fawcett. Sessões: 14h, 16h, 18h, 20h e 22h. Censura: 16 anos. Cine Itália. Shopping Itália. Fone: 223-8682.

IMPÉRIO DO SOL
De Steven Spielberg. Com John Malkovich, Miran de Richardson, Nigel Havers e Christian Bale. Sessões: 14h, 16h30min, 19h30min e 22h. Censura: 10 anos. Cinema 1. Rua Saldanha Marinho. Fone: 232-0092.



E aí, meu negro, você já sentiu a barra, não é? **As tropas do Exército, Polícia Militar e Polícia Civil, para impedir a passante pacífica, no Rio, contra a farsa da abolição, já deu uma apagada idêntica de como funciona a liberdade no Brasil.**

Não é porque a lei fazeta daquela infeliz Isabel fez com anos que qualquer coisa vai mudar em relação ao negro.

Uma data é apenas uma data. Uma assinatura sobre um papel é apenas uma lei. As leis foram feitas para serem burladas. No caso da lei da infeliz Isabel, a coisa soa a pa-ludada. Escrever "Fica

Carta à Berta

Nelson Padrella



extinta a escravidão no Brasil" vale tanto quanto "Fica abolida a Lei da Gravidade". Palavras. Tá dividindo, meu negro? Acredita nessa balela que o Brasil não é um país racista? Então, experimenta sair correndo pela rua XV.

Vai ter logo um monte de gente atrás e gritando: "Pega ladrão!"

Erico Veríssimo pôs na boca de um seu personagem a seguinte frase: "Não existe racismo no Brasil porque aqui os negros conhecem seu lugar."

Em vez de ficar comemorando, meu negro, vai à luta. Conquista a tua Xiludada.



PAPO CULTURAL

Olhai. Vamos voltar ao tempo da burrice repressiva. Fica terminantemente proibida a leitura do livro "O Vermelho e o Negro", de Stendhal. Trata-se de uma obra que coloca os comunistas em confronto com a



FESTINHA

Hoje, tomei café preto, para comemorar a data. Dispensei os sucos de frutas, o melão, as cerejas, os brichos, o queijo, o bolinho de fuba, o queijo de Minas, a manteiga de colúmbia, o leite gordo, os iogurtes.

Não abri mão do bolo de chocolate coberto com coco queimado.

Botei o Nat King Cole na radiola. Botei uma roupa íntima negra e fiquei esperando meu convidado, o negro Cabecção.

Foi aí que vi a coisa preta. Meus Deuses! Ainda bem que essa tal de abolição é de cem em cem anos!

3º MUNDO

POSOLOGIA E MODO DE USAR: VIDE BULA

© CLÁUDIO ROCHA

DOR DE CABEÇA MISERÁVEL...

ALÔ, ALÔ, ALÔ! A BASE PARA NÍDIA DO AR...

PRO-SISKA OPERAÇÃO DE ROTINA ATIVA PARA DIVERSAS TIPOLOGIAS DE GÊNEROS: HÍGID, HÉLADIA PARA AS INIBIÇÕES CAPIENTES... SIGA AS INSTRUÇÕES DA SEZE DE N.Y., QUE ANULA SUAS ATIVIDADES EM BUSCA DE INVENTIVAS LÍQUAS E AVIÇO PREZADO DO ESTOQUE, PORINDO PARA O CORPO DO MORTO DO EQUADOR. GOOD LUCK, BROWLIVISTS!

DISPARAR!

ALÔ BASE! ESTAMOS SOB O MÓDULO DO MORTO, ME INDICA A BULA.

ATENÇÃO! ESTE REMÉDIO CAUSA GRANDES LESÕES NO SISTEMA NERVOSO... MAS, NEM TUDO É PERFEITO...

PODE SER USADO COMO TI-RAMANCHAS, CONSEGUINDO SE ÓTIMOS RESULTADOS, FABRICADO SEGUNDO FÓRMULA ORIGINAL DE KILLER INC. N.Y. - USA

Violência e insurreição

Valdir Izidoro Silveira

"Se os poderosos cada vez mais escravizam, os oprimidos lutam por liberdade e a maior esperança é de libertação..."
"Nem Tudo Está Perdido" (Solano Trindade).

A escravidão brasileira foi uma das mais ferozes de que se tem conhecimento, até mesmo nas regiões em que não exerceu tão grande influência. Em sua "Viagem ao Rio Grande do Sul", Arsène Isabelle conta horrorizado o que viu no "ano da graça de 1834": "Sabeis como esses senhores, tão sábios, entre nós, todos os depositários de uma parcela que fosse de autoridade, durante o período da escravidão, concorreram, direta ou indiretamente, para sustentar uma tirania pífida, inquisitorial, torturante".

Esta é a verdadeira história da escravidão brasileira: "Cavalos, burros e bois estavam dispensados da tirania do tronco, dos bolos da palmatória, do suplicio das máscaras de Flandres, das



torturas prisões em solitárias soturnas, da terrível agonia dos longos je-juns, da ignomínia dos grilhões e de todas as outras formas de desumanos e humilhantes castigos físicos e morais" (Luiz Luna, em "O Negro na Luta contra a Escravidão"). A falsa ideia da escravidão brasileira resulta não só da deformação deliberada de fatos histó-

ricos, mas também em virtude das notícias que certos viajantes, pagos pelo governo brasileiro, espalharam pela Europa. Até o "grande" Ruy Barbosa, quando ministro da Fazenda do governo provisório, contribuiu para isso: mandou queimar todos os documentos referentes à escravidão existentes em arquivos de repartições, sob o pretexto de eliminar do "solo da Pátria a escravidão - a instituição funestíssima que por tantos anos paralisou o desenvolvimento da sociedade...". E, conforme Luiz Luna, "o tratamento dispensado pela quase totalidade dos senhores aos escravos era indigno até das mais grosseiras mentalidades. Esses senhores praticavam contra os cativos os mais torpes crimes e as mais cruéis brutalidades".

O PAI TOMAS BRASILEIRO É UMA MENTIRA

Na sua "Sociologia da Revolução Brasileira", Pessoa de Moraes diz que "por toda a parte, a história brasileira é um rosário de rebeliões e atitudes radicais de escravos rebeldes". Como o sistema econômico repousava exclusivamente no trabalho escravo, os senhores de engenho e fazendeiros, "bem, como os estancieiros do Rio Grande do Sul e os eretários do Paraná" (gritos meus), não poupavam castigos, indo até a prática de crimes os mais hediondos, a fim de manter "o despotismo da autoridade e receber obediência cega". Os escravos eram a única e exclusiva fonte de renda - e também para os cofres públicos. Dali a

intransigência do governo e particularmente "contra os anseios de libertação dos escravos, o ódio de morte ao negro fújiu e as impiedosas atrocidades na punição dos quilombos e dos insurreitos". Ora, se o sistema caracterizou como um "verdadeiro exercício de violência" por parte das elites dominantes, como poderia o negro cativo reagir "lambendo os pés de seus algos"? Evidentemente, para crer na sua "docilidade" é necessário pressupor que o negro cativo fosse não mais que um animal, jamais um ser humano. O fato é que, contrariando a vontade de muitos, o cativo nunca se submeteu pacificamente à escravidão. Reagia violentamente de acordo com as condições de que dispunha. Individual ou isoladamente foram muitos os "crimes" de agressão e homicídio cometidos contra senhores, feitores, "sinhazinhas" e capangas-de-mato, além das fugas constantes. Nas atitudes coletivas surgem as revoltas e os numerosos quilombos que a história registra. Segundo Luiz Luna (sic), "fugiam, em grupos ou individualmente, homens, mulheres e crianças, internando-se nos matos para formar quilombos, as fugas tornaram-se tão numerosas que levaram a Coroa a expedir ordens régias e alvarás punitivos, mandando mutilar parte do corpo dos negros fújidos, marcar com ferro em brasa a letra F em lugar visível, cortar orelhas, além dos suplicios da gargalheira, do tronco, das surras", além de outros castigos talvez mais requintados.

Durante todo o período da escravidão os negros cativos reagiram. E a partir do século XVIII, dizem alguns historiadores, o movimento dos quilombos tomou vulto para, ao atingir a segunda metade do século seguinte, estar caracterizada uma verdadeira insurreição negra. Na verdade o Pai Tomas brasileiro, a exemplo do "father Thomas americano, jamais existiu".

* Eng. Agr. fundador do Centro de Estudos Afro-Brasileiros de Porto Alegre - RS - 1968.

End.: rua Angelo Massignan, 26 - Sta Felicidade. Curitiba - Fone (041) 272-5011

Belotti lidera a "Consolidação" no Santa de Praia



A grande família associada do Santa Mônica Clube de Praia está sendo convidada para prestigiar no próximo dia 21 (sábado próximo) a eleição da nova diretoria, para o biênio 88-90. Mostrando uma capacidade invulgar, liderança e união em todo conselho diretor, o presidente Denisio Belotti concorrerá à reeleição, sob a legenda "Consolidação". Esta chapa consolidará definitivamente o trabalho desenvolvido pela atual diretoria, responsável pelas grandes conquistas no setor patrimonial, excelentes promoções durante a temporada de verão, como os bailes carnavalescos, a Noite no Hawaii, o choppão e no setor de esportes a alegria e descontração para a garotada. A chapa "Consolidação" disputará o pleito com a seguinte constituição: presidente, Denisio Belotti; vice-presidente, William Sade; superintendente, Luiz Ari Guedes; secretário, Jefferson W. Wanderley; vice-secretário, Mario Garbado Filho; tesoureiro, Feliciano B. Gonçalves Junior; vice-tesoureiro, Walter Vinyente Bassanezi; diretor social, Amos C. de Freitas; diretor de esportes, Ubiratan Martins; orador, Coríndio A. Caravelle; relações públicas, Edson Alvim R. Toledo; diretor cultural, Roberval D. Delfreitas; diretor de patrimônio, Carlos A. Guimarães; diretor jurídico, Renon M. Brasil; Conselho Fiscal, Paulo Roberto Zucicotti; Dalton Fava dos Santos; Abil Miguel, Rogério Zara Amaral, João C. Kormann, José Ari Nassif. A eleição acontecerá no horário das 9 às 17 horas. Prestigiem...

POR QUE A UNIDADE?

Dom Pedro Fedalto ARCEBISPO DE CURITIBA

Todos entendem que é na unidade que os homens crescem e se desenvolvem. Queramos ou não, ninguém é auto-suficiente. Cada um depende do outro, por mais riqueza tenha.

Mas o que acontece? Aquele que tem capacidade, estudos, poder político e econômico, muitas vezes, domina aquele que lhe presta serviço. Isto é muito fácil de se compreender. Um tem dinheiro, mas precisa do trabalho do outro sem nenhum recurso. Este sujeita-se, a servir aquele por qualquer salário para poder sobreviver. E assim que acontece na sociedade.

E na Igreja como é? A Igreja ensina que sua primeira tarefa é formar o povo de Deus para a unidade, para a comunhão, para a participação.

A unidade é dom e dádiva de Deus. E Ele que inspira os homens de todas as raças, culturas e classes sociais para que se unam em torno do Deus verdadeiro.

A Igreja deve ser o sinal da unidade, agindo como luz, sal e fermento. Para isso, a Igreja deve tratar a todos, dentro de um diálogo sincero, com estima, respeito, concordância, admitindo a diversidade legítima. O que une os ho-

mens é muito mais forte do que aquilo que os separa. Os homens sua religião, entendem que os homens devem conviver no respeito mútuo, na interdependência, na ajuda recíproca. Se assim agem até os que não têm religião, muito mais devem entender-se os que seguem uma religião, de modo especial, os cristãos, os católicos. Por que tantas divisões? Por que tantas incompreensões? Por que tantas divergências? Por que tantas oposições? Do Pai de todos Há um só Senhor, uma única fé, um único batismo" (1 Cor 8,6.12.5; 11.4.5-6; 1 Tim 2,5).

A presença dos cristãos na sociedade deve exprimir a existência da comunidade eclesial, que é sinal da comunhão e da participação.

Infelizmente, as pessoas e grupos encontram-se diante de um dilema: rível, ou aceitar até inconscientemente o individualismo, o isolacionismo, os padrões dominantes do capitalismo ou ter a coragem de resistir à vida capitalista do ter sempre mais para buscar os

valores da comunhão, da partilha, da participação, com o ser mais.

Nas comunidades eclesiais, nos grupos de reflexão e de oração que devem nascer a unidade. Hoje, até se canta muito: "um povo unido nunca será vencido". É preciso que o povo unido busque a comunhão plena com Jesus Cristo, com a Igreja e com todos os homens. Às vezes, a unidade na base, a solidariedade não exprimem a comunhão plena com Deus, deixando fora valores transcendentes e nem tão pouco com a Igreja hierárquica, sobretudo com o Papa e os Bispos, princípios de unidade eclesial e, muitas vezes, nem com os homens, excluindo simplesmente uns da comunhão, ora por preconceitos, ora por motivos políticos partidários.

As comunidades eclesiais devem ser luz do mundo, sal da terra, fermento. Luz, sal, fermento não são unicamente os ministros ordenados (bispos, presbíteros e diáconos) e religiosos e religiosas, mas todos os batizados.

Avocé que é batizado, reflita seriamente sobre a unidade, a comunhão, a participação.

Por que a unidade?

62

Parabéns,

Correio de Notícias

Ao iniciar seu ano 5, este vibrante matutino entra em nova etapa, com a esperança de todos nós de que prossiga em sua linha de ação. Independente, crítico, sempre ao lado das reivindicações do povo. Que continue com esta força, sempre servindo o povo do Paraná em sua luta pelo progresso.

AUREO GOMES DA SILVA

Prefeito Municipal de Rio Branco do Sul

Nosso município é fiel testemunha do grande sucesso do Correio de Notícias na imprensa do Paraná. Sua presença com opinião, com crítica, com análise, nos mais diversos assuntos, ratifica seu êxito, que é o reflexo de seu quadro de funcionários e administradores capacitados e competentes.

SANTINO VICENTINI
Prefeito Municipal de Piraquara



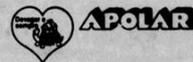
Assim como nós somos uma empresa especializada em deixar as cidades mais limpas, o Correio de Notícias é um órgão especializado em fazer excelente jornalismo. Caminhamos paralelos com nosso progresso e objetivo de bem servir a comunidade. Parabéns ao grande matutino, seus dirigentes, corpo redatorial e demais funcionários.



LIPATER

Parabéns, Correio de Notícias

Quando se faz aniversário com o êxito de uma atividade, a comemoração é dupla e merecida. Os que trabalham com determinação, coragem e competência fazem jus a um cumprimento público como fazemos aqui, brindando o êxito de um jornal inteligente.



Rue Conselheiro Laurindo, 402 - Fone: 223-4193
Telex (041) 5480 - ANSW-BR - Curitiba - Paraná